Breve reflexão acerca da infinitude divina

Autor: Sávio Laet de Barros Campos. Bacharel-Licenciado e Pós-Graduando em Filosofia Pela Universidade. Federal de Mato Grosso. E-mail: saviolaet@filosofante.org

A presente reflexão nasceu na comunidade do orkut dedicada ao site "Filosofante", num fórum onde se debatia o tema da existência de Deus. Quero agradecer ao Rev. Pr. Bosco, agudo partícipe da comunidade, que se acercou de nós levantando as argutas questões:

> 1) Qual é a definição de Deus?
> 2) Qual é a forma mais eficaz de provar a existência do Deus cristão em detrimento dos outros deuses das outras religiões não-cristãs?

Em relação à definição de Deus. Antes de tudo, o que é de*finir*? A palavra "definição" tenta, a princípio, exprimir o termo grego Ορισμός. Todavia, é como tradução direta do termo latino *definitio* que ela se consagrou. Ora, definir é *delimitar*. Expressa, por assim dizer, o ato pelo qual, através do pensamento, dizemos o finito: de-*finição*. Mas o que "de-fine" uma coisa? O que a torna finita? E' a sua essência, pois é a essência que diz o que uma coisa é e, desta forma, a distingue de todas as demais, *delimitando-a*. Portanto, a definição é a declaração da essência da coisa. Em relação a Deus, é preciso dizer, antes de qualquer coisa, que Ele é in*finito*. E é desta maneira que surge o problema: como podemos defini-lo, ou seja, dizê-lo num verbo interior, expressá-lo num conceito?

Porém, antes de tirarmos qualquer conclusão, tentemos "contornar" a noção de infinito. Com efeito, como o infinito [*infinitus*] é, de certa forma, uma noção negativa[1], enquanto significa o que simplesmente não é finito [*quod non est finitum*], é somente mediante a análise do finito [*finitus*] que podemos conhecê-lo. Ora, há, pois, duas formas de finitude: a da matéria, que se torna finita enquanto é limitada

---

[1] No decorrer do texto veremos que esta noção também comporta um sentido eminentemente positivo, mas que só foi logrado pela tradição cristã.

pela forma que recebe, e a da própria forma, que é limitada pela matéria que informa. Agora bem, é a forma que confere perfeição à matéria. Daí que, uma matéria informe, conquanto decerto infinita, posto que é a forma que a limita, seria um infinito que teria um caráter de imperfeição, visto que uma matéria privada de toda forma é uma matéria carente de qualquer perfeição. Por outro lado, uma forma que não fosse limitada por nenhuma matéria, seria uma perfeição infinita, porquanto a forma não recebe perfeição alguma da matéria, sendo ela mesma [*i.e.* a forma] portadora de toda perfeição que confere à matéria. Por conseguinte, o infinito formal é um infinito que indica máxima perfeição. Mas por que a matéria indica imperfeição e a forma, perfeição? Porque a matéria se refere à potência, ou seja, ao que ainda não é e nem foi consumado, mas que pode "vir-a-ser" arrematado, enquanto que a forma, ao contrário – máxime em relação à matéria que informa – comporta-se como ato, isto é, como aquilo que já *é* e que, de resto, realiza a perfeição que a matéria possuíra antes apenas em potência. De sorte que, como o termo *perfectus* indica o que está "totalmente feito" e é completo, é claro que a forma, em relação à matéria, mormente em relação à matéria que informa, é ato e signo de perfeição.[2]

Agora bem, se a matéria indica potência, isto é, imperfeição, a matéria primeira, ou seja, o primeiro princípio material de todas as coisas é pura potência, e, desta feita, imperfeitíssimo. Ora, em sendo assim, as perfeições encontradas nas coisas não podem provir de um princípio material, salvo se admitirmos este absurdo: *o perfeito procede do imperfeito enquanto causa eficiente*. E' o que, trocando em miúdos, faz o materialismo ao defender a autonomia ontológica da matéria. O materialismo é, pois, um absurdo! Na verdade, urge admitir um princípio formal de todas as coisas. Como a matéria indica potência e a forma implica ato [*sobretudo em relação à matéria que informa*], e como, além disso, a matéria primeira é pura potência, assim também o primeiro princípio formal de todas as coisas deve ser ato puro. Ademais, sendo a matéria signo de imperfeição por estar em potência, e a matéria primeira imperfeitíssima por ser pura potência, a forma, enquanto ato da matéria, é signo de perfeição, e o primeiro princípio formal de todas as coisas, sendo

---

[2] TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. I, 7, 1.

ato puro, ou seja, não sendo recebido e, portanto, limitado por matéria alguma, deve ser também perfeitíssimo.[3]

Ora bem, nada pode estar em ato, salvo enquanto *é*, ou seja, enquanto possui o ato de ser ou existir [*esse, actus essendi*]. Com outras palavras, tudo é perfeito na medida em que possui o ser [*esse, actus essendi*], pois o ser é o que há de mais perfeito dentre todas as coisas [*ipsum esse est perfectissimum omnium*] e a fonte primeira de toda outra perfeição. Donde, aquilo que é maximamente formal, maximamente perfeito e maximamente infinito, é, antes de mais nada, maximamente ser, já que o ser é a atualidade de todas as coisas, da matéria, mas também da forma [*ipsum esse est actualitas omnium rerum, et ipsarum formarum*].[4] Desta feita, sendo Deus o ser que não recebe a sua "esseidade" de outrem, Ele é o *Ipsum Esse Subsistens*. Ora, sendo *o Esse Subsistens*, Ele é maximamente formal e ato puríssimo. Sintetiza com meridiana lucidez Mondin:

> Deus é a suprema atualidade, ato puríssimo, porque a sua essência é o ser; Deus é esseidade. E, como sabemos, o que leva as coisas ao ato, o que as torna atuais e as faz ricas de perfeição, é o ser. Deus, sendo o ser, sendo totalmente ser, é necessariamente ato puro, ou melhor, ato puríssimo. É um céu claríssimo, sem nuvem, reluzente, luz plena. Em Deus não há nenhum ponto obscuro, tenebroso, opaco. É uma luz brilhante que ilumina todas as coisas e as coloca na órbita do ser, tornando-as partícipes da luz do próprio ser.[5]

Destarte, Ele é infinito e infinito em perfeição, vale dizer, forma puríssima e ato puríssimo, como se acabou de descrever acima. Agora podemos arguir com maior propriedade: como definir Deus, como de*limitá-lo* num conceito unívoco? Como expressar a sua essência tal como é em si mesma? Se o que limita uma forma é a matéria e Deus é absolutamente imaterial, já que é maximamente formal, como circunscrevê-lo? Com efeito, qualquer definição, enquanto é uma circunscrição, precisa colocar a substância num gênero e depois numa espécie. Entretanto, sendo Deus o próprio SER, como colocá-lo num gênero ou numa

---

[3] *Idem*. *Ibidem*. I, 4, 1, C.
[4] *Idem*. *Ibidem*. I, 4, 1, ad 3.
[5] MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 297 e 298.

espécie?[6] Com efeito, o ser não está precisado em nenhum gênero e tampouco em espécie alguma, uma vez que nada pode ser distinto do ser exceto o nada, que nada é. [7] Neste sentido, qualquer definição que pretenda apreender a essência divina, limitaria a sua perfeição. Destarte, qualquer conceito que busque compreendê-lo exaustivamente, transformá-lo-ia num ídolo. Sem embargo, no que toca à essência divina, tomada *in se*, a "definição" menos imperfeita que podemos ter dela é: "*id quod superat omnes cogitationes nostras* ['*aquilo que supera todos os nossos pensamentos*']".

E' preciso acrescer e ponderar, no entanto, que a infinitude divina não é "indefinida" ou "indefinível" num sentido negativo, como, aliás, é a infinitude potencial da matéria e como aparenta ser a própria noção de infinito. Deus é um infinito positivo, um infinito formal e atual, por conseguinte, perfeito. E' uma luz inabarcável de perfeição que contém em si, de forma eminentíssima e simplicíssima, as perfeições de todas as coisas, a saber, todas as perfeições relativas ao ser que Ele doa, de forma boníssima e ininterruptamente, às suas criaturas. Decerto que Ele é indefinível para o pensamento humano, mas não porque seja incognoscível *in se*, antes, ao contrário, é precisamente porque é sobremaneira cognoscível, um oceano de cognoscibilidade, que a sua luz torna-se intangível e inacessível à nossa razão limitada. E' por abundância e não por carência de luz e ser que deixamos de vê-lo tal como é em si mesmo. Portanto, é por transcender sobejamente todos os graus de perfeição que encontramos nas coisas criadas, que Ele se encontra muito além das capacidades naturais do nosso espírito finito. Sua essência nos é inatingível, porque a sua luz incriada e pulcríssima, fulgurante de inteligibilidade, cegar-nos-ia se a contemplássemos com a nossa inteligência criada. Mondin, em duas passagens emblemáticas, confirma o que havemos dito:

> Dizendo que Deus é infinito não queremos simplesmente dizer que ele não tem limites, como quando dizemos que a série dos números cardeais é infinita. Infinito não significa indefinido. Embora aparentemente seja negativo, o termo tem um

---

[6] TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. I, XIV, 2 [117] e 3 [118].

[7] *Idem*. **Suma Teológica**. I, 3, 5, C: "Ora, o Filósofo, no livro III da *Metafísica*, demonstra que ente não pode ser o gênero de alguma coisa, pois todo gênero comporta diferenças que não pertencem à essência deste gênero. Ora, não existe diferença alguma que não pertença ao ente; porque o *não-ente* não pode constituir uma diferença. Donde se conclui: Deus não está em gênero algum."

> significado eminentemente positivo: denota uma riqueza inesgotável de perfeição e não uma potencialidade ilimitada [como pode ocorrer com a matéria]. Deus possui a qualidade da infinitude porque é a esseidade e, assim, encerra em si todo o oceano do ser, sem limites, sem restrições, sem margens.[8]
>
> Repito que Deus é infinito em sentido positivo e não negativo: é plenitude ilimitada, totalidade inesgotável, sendo aquele que tudo possui e de quem tudo procede. A infinitude de Deus nada tem em comum com o indefinido, com aquilo que ainda não tem rosto, uma forma, uma figura e pode, portanto, ser qualquer coisa. Deus não é infinito no sentido potencial [...], mas no sentido atual, de quem já é tudo: é todas as formas, todos os atos, todas as perfeições; é a plenitude de tudo, porque fora de Deus não há nada. A incapacidade da razão humana de conceber o infinito não cria em Deus uma absurda carência de ser, cuja profundeza não podemos sondar nem imaginar. Ao contrário: dando a Deus o título de infinitude, queremos dizer que ele encerra em si todas as perfeições em grau eminente, isto é, segundo um grau que transcende todos os graus atingíveis pelo pensamento humano.[9]

Agora bem, acerca da existência de Deus, de certa forma, a questão é outra. De fato, é mister distinguir, sem separar, duas questões no que concerne a Deus: se Ele é ou existe [*an est*] e o que Ele é [*quid est*]. Quanto à primeira, deveras a nossa razão é capaz de admitir, por meio de uma demonstração racional que procede partindo das coisas sensíveis, que Deus *é* ou existe, como bem atesta o Apóstolo: "De fato, as perfeições invisíveis – não somente seu poder eterno, mas também a sua eterna divindade – são claramente conhecidas, através de suas obras, desde a criação do mundo" [Rm 1, 20].

Quanto à segunda, só podemos saber algo por analogia com as coisas criadas, como também declara o Apóstolo na mesma perícope. Com efeito, acerca de um conhecimento direto e imediato da essência divina *in se*, diz Sto. Tomás: "[...] de Deus só podemos saber o que Ele não é, e não o que é ['quia de Deo scire non possumus quid sit, sed quid non sit']"[10]. Em outro lugar, no que concerne ao conhecimento, *in via*, da essência divina *in se*, ele diz: "Este é o máximo grau do conhecimento humano de Deus: saber que não O conhecemos"[11]. Finalmente, o

---

[8] MONDIN. *Op. Cit*. p. 298.
[9] *Idem*. *Op. Cit*. p. 299.
[10] TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 3.

próprio São Paulo assevera acerca de Deus: “[...] o único que possui a imortalidade, que habita numa luz inacessível, que ninguém viu nem pode ver.” [I Tm 6, 16].

Por fim, quanto a uma demonstração que alcance o Deus cristão, reputo que as cinco vias [*quinque viis*] de Sto. Tomás e a dialética de *O Ente e a Essência* [*De ente et essentia*] satisfazem esta exigência. De fato, ambas chegam ao *Ipsum Esse Subsistens* [*O Próprio Ser Subsistente*], que é, em outros termos, o nome que o absoluto Deus revela a Moisés: “Se os israelitas perguntarem sobre o vosso nome, o que lhes responderei? Disse-lhe, então, o Senhor: “AQUELE QUE É mandou-me a vós” (Ex 3, 13-14).[12] Termino fazendo minhas as palavras do célebre historiador da filosofia medieval, Étienne Gilson, no não menos célebre opúsculo *L’athéisme difficile*, publicado postumamente [1979]:

> Hoje, o meu ponto de vista é este: enquanto o tomista permite deixar que cada qual chegue a Deus como melhor puder, alguns não nos querem permitir ir a Deus segundo o caminho que santo Tomás recomenda e que a Igreja prefere.[13]

---

[11] *Idem*. **Quaestiones Disputate de Potentia Dei**. 7, 5, ad 14. In: LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo)**. In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 36.
[12] Vide: *Idem*. **Suma Contra os Gentios**. I, XXII, 7 [211].
[13] GILSON, Étienne. **L’athéisme difficile**. In: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. 5ª ed. Rev. L. Costa e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1991. p. 777.

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Étienne. **L'athéisme difficile**. In: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. 5ª ed. Rev. L. Costa e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1991.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Quaestiones Disputate de Potentia Dei**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão "Sobre o verbo)**. In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.